

Foucault e Dewey: Sugestões para um debate*

Foucault and Dewey: Suggestions for a debate

Salma Tannus Muchail

salma@pucsp.br

Márcio Alves da Fonseca

marciofons@uol.com.br

Departamento de Filosofia

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Resumo: Comentando a conferência do professor Vincent Colapietro, o texto sugere novas aproximações entre Foucault e Dewey, acompanhadas do levantamento de algumas questões. As aproximações sugeridas concernem os seguintes aspectos: experiência e pensamento, autotransformação, atitude crítica, *parresia*.

Palavras-chave: Experiência. Pensamento. Constituição de si. Auto-superação. Crítica. Coragem.

Abstract: *Commenting on the lecture given by Professor Vincent Colapietro, this text suggests new approaches between Dewey and Foucault, together with a survey of some issues. The suggested approximations concern the following aspects: experience and thought, self-transformation, critical attitude, parrhesia*

Key words: *Experience. Thought. Constitution of self. Self superation. Critique. Courage.*

Considerações introdutórias

A conferência do professor Vincent Colapietro, intitulada *Dewey e Foucault: situações berdadas e improvisações situadas* – densa e instigante – proporciona uma interessante reflexão sobre algumas afinidades entre os pensamentos de John Dewey e Michel Foucault.

A indicação dessas afinidades não consiste, porém, num exercício descompromissado de erudição (apesar de efetivamente revelar erudição nas leituras de Dewey e Foucault), mas expressa a opção por tomar verdadeiramente a sério o “pluralismo” em filosofia. Nas palavras do professor Colapietro, “nenhuma tradição é suficiente em si mesma”. Com efeito, sua exposição, ao colocar frente a frente elementos de duas tradições filosóficas aparentemente distanciadas, apresenta um bom exemplo da prática do pluralismo no campo da filosofia.

Dewey e Foucault, Foucault e Dewey: pensadores de distintas linhagens filosóficas e, por isto mesmo, circunscritos às limitações da herança filosófica de cada um. Deste ponto de vista e, de imediato, convém observar que o estudo do

* Este texto retoma os comentários realizados pelos autores à conferência de abertura do XIII Encontro Internacional sobre o Pragmatismo, proferida pelo professor Vincent Colapietro.

professor Colapietro é já – para usarmos seu próprio vocabulário – uma experiência de “superação”. Com fundamentação e sem artifícios, aproxima os dois pensadores, reduzindo-lhes as “limitações herdadas” e ampliando seus horizontes.

A direção escolhida para esta aproximação está claramente indicada: não se trata de “enfocar o modo como Dewey antecipou Foucault” (pelo menos o Foucault dos últimos escritos), mas de “recontextualizar os textos de Dewey a partir da perspectiva foucaultiana”. Esta direção – de Foucault a Dewey – permite usar os textos como “fonte de criatividade”. E, de certo modo, permite também, complementarmente, que pensemos na direção recíproca, isto é, de Dewey a Foucault.

A meta estabelecida pelo professor Colapietro também é enunciada: não se trata de identificar afinidades para “simplesmente comparar dois filósofos”, mas de encontrar consequências ou implicações geradas pelas “visões sobrepostas” de ambos; consequências ou implicações não apenas internamente, isto é, para o pensamento de cada um deles, mas para nós, que nos situamos na tradição de um ou de outro – “aqui e agora”.

Identificadas as afinidades ou sobrepostas as duas visões, destacamos quatro aspectos que oferecemos como sugestões para ampliar o debate, como se segue.

1º) As “práticas de liberdade” (em Foucault) ou as “experiências de atividades” (em Dewey), remetem à conjugação entre *experiência* e *pensamento* (em ambos).

2º) A relação entre experiência e pensamento, por sua vez, remete ou requer, para ambos, o movimento de *auto-superação* (para Dewey) ou de *constituição de si mesmo* (para Foucault), que podemos chamar pelo mesmo nome de *autotransformação*.

3º) Os elementos fundamentais da experiência conduzem à noção de *atitude crítica*, com a qual podemos também aproximar os dois autores.

4º) A autotransformação (auto-superação ou constituição de si mesmo) e a crítica envolvem *resistência*, *esforço*, *luta*, que podemos chamar pelo nome de “*exercício da coragem*”.

A apresentação, a seguir, de cada uma destas sugestões será acompanhada do levantamento de algumas questões.

1. Experiência e pensamento

O cotejo proposto entre alguns aspectos das filosofias de Dewey e de Foucault é conduzido, de maneira privilegiada, pela reflexão acerca das implicações entre experiência e pensamento, recuperadas a partir das perspectivas dos dois pensadores. De fato, a pertinência destas implicações, para ambos, parece ser fundamental. Tanto em Dewey quanto em Foucault, como indica claramente o professor Colapietro, a experiência humana estaria “longe de ser esgotada pelas formas que ela assume em nossas práticas epistêmicas”. E, inversamente, não há conhecimento isento do “caráter agonístico da experiência humana”.

Contudo, lembremos que em *Arqueologia do saber*, comentando seus livros anteriores, Foucault faz restrições ao uso do termo *experiência* tal como o empregara em *História da loucura*¹. Mais ou menos na mesma direção, também faz restrições ao uso que fizera, no mesmo livro, do termo *percepção*². Estas restrições devem-se,

1 Cf. FOUCAULT, M. *L'Archéologie du savoir*. Paris, Gallimard, 1969, p. 26-27.

2 Veja-se a este respeito, por exemplo, a entrevista a Sérgio Paulo Rouanet e José Guilherme

muito certamente, ao fato de que estes termos pudessem sugerir uma indesejada aproximação com a fenomenologia. Por outro lado, porém, também sabemos que, principalmente nos seus escritos tardios, Foucault fará uso assíduo, agora sem aquelas restrições, da noção de *experiência*.

Teria Foucault retornado ao seu mestre Merleau-Ponty, cuja herança, aliás, ele nunca rejeitou?³ A favor de uma resposta eventualmente afirmativa, observamos que a conferência do professor Colapietro faz algumas menções diretas ou indiretas à fenomenologia. Além disto, é difícil não pensar em Heidegger – nominalmente citado – quando a conferência conjuga “a experiência estética e a reflexão filosófica”, e avizinha as tarefas do filósofo, dos poetas e de artistas. Ou é a noção de *experiência* que teria se transformado ao longo das próprias transformações do pensamento de Foucault, entre *A História da loucura* e os últimos escritos? Ou ainda, usando as expressões de Deleuze citadas na conferência do professor Colapietro, as noções de *experienciar* e de *pensar é* que teriam se mudado quando se juntam à de *problematizar*?

Além da sua implicação com o pensamento, segundo o professor Colapietro, a experiência, no entendimento dos dois pensadores, “é antes de tudo, uma oportunidade, até mesmo um ímpeto, para a autotransformação”.

2. Experiência, pensamento e autotransformação

Ao realizar aproximações entre as perspectivas de Foucault e Dewey acerca das implicações entre experiência, pensamento e autotransformação, o texto do professor Colapietro toca efetivamente em um aspecto central da filosofia de Michel Foucault.

Com efeito, ao discorrer sobre o significado de suas investigações na entrevista de 1984, intitulada “Polêmica, política e problematizações”⁴, Foucault afirma acerca de seus trabalhos sobre a loucura, a delinquência e a sexualidade que aquilo que estava em jogo nestes escritos era perceber os aspectos da constituição de uma objetividade, da formação de uma política e aquele da elaboração de uma ética e uma prática de si. Seus estudos constituíam, no fundo, “diferentes exemplos nos quais se encontram implicados os três elementos fundamentais de toda experiência: um jogo de verdade, relações de poder, formas de relação consigo e com os outros”.

Pode-se dizer, então, que estes três elementos compõem o que Foucault denomina de *constituição de si mesmo*? E que, com o mesmo termo *autotransformação*, poder-se-ia nomear tanto a *constituição de si mesmo* em Foucault quanto o movimento de *auto-superação* em Dewey?

São estes mesmos três elementos fundamentais de toda experiência (jogo de verdade - relações de poder - formas de relação consigo e com os outros) que também estão implicados naquilo a que Foucault chamará de *atitude crítica*.

Merquior, publicada em 1971, em *O homem e o discurso*, Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, p. 26-27.

3 Cf. FOUCAULT, M. *Dits et écrits*. Paris, Gallimard, 1994, vol. III, p. 787.

4 FOUCAULT, M. “Polemiques, politiques et problematisations”, in *Dits et écrits*, IV, op. cit., p. 596.

3. Atitude crítica

Na conferência proferida em 1978 na Sociedade Francesa de Filosofia, intitulada “Qu’est-ce que la critique?”, Foucault afirmará que “entre a elevada empresa kantiana e as pequenas atividades polêmico-profissionais que levam o nome de crítica, parece ter havido, no Ocidente moderno – desde, grosseira e empiricamente, os séculos XV-XVI – certa maneira de pensar, de dizer, de agir, certo modo de relação com aquilo que existe, com aquilo que se sabe, com aquilo que se faz, uma forma de relação com a sociedade, com a cultura e também com os outros a que se poderia chamar de atitude crítica”⁵.

Esta atitude, tal como é apresentada por Foucault, diz respeito à noção de “governamentalização” da vida, característica das sociedades Ocidentais européias a partir do século XVI. A partir da questão “como governar os homens?”, levanta-se então uma questão fundamental a ela correlata que consistiria em perguntar “como não ser governado?”⁶. Esta interrogação seria a contrapartida, a parceira e ao mesmo tempo a adversária das artes de governar. Seria a maneira de se desconfiar delas, a maneira de limitá-las, recusá-las e transformá-las. É a esta espécie de “forma cultural geral”, de “atitude ao mesmo tempo moral e política”, de “maneira de pensar e de agir” que Foucault denomina crítica⁷.

Compreendida nestes termos, afirma Foucault, a definição de crítica não estaria muito distante da definição kantiana das Luzes⁸. Em seu artigo de 1784 (*Was ist Aufklärung?*)⁹ Kant definiria o esclarecimento em oposição ao estado de menoridade no qual seria mantida autoritariamente a humanidade. Este estado de menoridade corresponderia à incapacidade do homem para servir-se do próprio entendimento sem a direção de outro. Tal incapacidade seria determinada pelo vínculo entre, de um lado, um excesso de autoridade e, de outro, uma falta de decisão e de coragem do próprio homem.

Se para Kant, o esclarecimento corresponde ao processo de saída do homem do estado de menoridade no qual este se encontra – sob o governo de um outro, acrescentaria Foucault –, a crítica, para Foucault, enquanto expressão concreta de uma vontade decisória de não ser governado, reencontra, de algum modo, a definição kantiana das Luzes naquilo que concerne ao seu caráter emancipatório.

Seria correto, então, afirmar que aquilo que está em questão, tanto na definição kantiana das Luzes quanto na noção de crítica desenvolvida por Foucault é o problema da autonomia.

Desse modo, a crítica consistiria, para Foucault, em uma forma de experiência histórica livre, de experimentação de nós mesmos no lugar e no tempo em que estamos situados.

5 FOUCAULT, M. “Qu’est-ce que la critique?”, in *Bulletin de la Société Française de Philosophie*, 84e. année, nº 2, Paris, avril-juin, 1990, p. 36.

6 Cf. FOUCAULT, M. *id.*, p. 37.

7 Cf. FOUCAULT, M. *id.*, p. 38.

8 Cf. FOUCAULT, M. *Id.*, p. 40.

9 KANT, I, “Resposta à pergunta: que é o iluminismo?”, in KANT, I. *A Paz perpétua e outros opúsculos*. Lisboa, edições 70, 2004, p. 11-19.

Tomando essa noção de *atitude crítica* desenvolvida por Foucault, considerando-a em sua implicação essencial com a ideia de experiência, tal como recuperada das investigações dos dois pensadores cujas afinidades o texto do professor Colapietro assinalou, poder-se-ia perguntar acerca de uma outra afinidade entre Dewey e Foucault relativamente ao sentido que atribuem à crítica. Seria possível reconhecer em Dewey, assim como em Foucault, uma correlação necessária entre pensamento, experiência, constituição de si e crítica?

A atitude crítica, por sua vez, inclui as posturas de luta e de coragem.

4. Esforço e luta

Experiência e pensamento, juntos, aliados à autotransformação e à atitude crítica, envolvem resistência, esforço, luta. Ao que a conferência ainda acrescenta “riscos pessoais” e “exercício da coragem”, como condição para “aprender a pensar diferente” e “para se tornar outro”.

Ora, os três últimos cursos de Foucault no *Collège de France*¹⁰ recuperam e desenvolvem a antiga noção de origem grega, *parresía*. A palavra pode ser traduzida por expressões como “franco-falar” ou “dizer-verdadeiro”. Tendo por adversário moral a *lisonja* e por adversário técnico a *retórica*, a *parresía* é a forma adequada e necessária do discurso filosófico. Jogo, cuja regra institui um “pacto” de verdade do sujeito para consigo mesmo, a *parresía* compromete-o com sua própria palavra, e isto, não só nos planos do pensamento e da linguagem, como também nas dimensões da experiência e da conduta. Por isto mesmo, a atitude parresiástica abre-se a riscos e perigos. Assim, “palavra arriscada”¹¹, a *parresía* é *coragem*. Mais precisamente, “coragem da verdade”. Ela é “um ponto de articulação entre a teoria e a prática, entre o discurso e os atos, entre os saberes e as resistências”¹².

Pode-se perguntar assim se aquelas noções que o professor Colapietro encontra em Dewey seriam aproximáveis da noção de *parresía* em Foucault, noção que liga indissolavelmente o pensamento e as atitudes, a reflexão e a vida.

Para concluir

Retomemos o comentário inicial. “O ponto é, então, não simplesmente comparar dois filósofos”, diz o professor Colapietro, não somente reconhecer aí “visões sobrepostas” entre pensadores de tradições filosóficas distintas, mas identificar “as implicações disso para nós, aqui e agora”. Ora, pode-se dizer que o estudo do professor Colapietro é, ele próprio, uma “prática de liberdade” ou “uma atividade criativa”. Assim como os pensadores que ele aproxima, ao aproximá-los ele próprio

10 FOUCAULT, M. *A Hermenêutica do sujeito*. Tradução de Márcio Alves da Fonseca e Salma Tannus Muchail. São Paulo, Martins Fontes, 2004 (Curso de 1982); FOUCAULT, M. *O Governo de si e dos outros*. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo, wmf Martins Fontes, 2010 (Curso de 1983); *Le Courage de la vérité*. Paris, Gallimard/Seuil, 2009 (Curso de 1984).

11 GROS, F. “La Parrhêsia chez Foucault”, in GROS, F. (org.) *Foucault, le courage de la vérité*. Paris, PUF, 2002, p. 157.

12 GROS, F. “Introduction”, in GROS, F. (org.) *Foucault, le courage de la vérité, op. cit.*, p. 7.

“abre espaços do pensar”. Lê-lo ou ouvi-lo é também acompanhar uma “experiência de pensamento”.

References

FOUCAULT, M. *L'Archéologie du Savoir*. Paris: Gallimard, 1969.

_____. “Qu'est-ce que la critique?”, in *Bulletin de la Société Française de Philosophie*, 84e. année, n° 2, Paris, avril-juin, 1990.

_____. *Dits et Écrits*. Paris: Gallimard, 1994, vol. III.

_____. *A Hermenêutica do Sujeito*. Tradução de Márcio Alves da Fonseca e Salma Tannus Muchail. São Paulo, Martins Fontes, 2004.

_____. *Le Courage de la Vérité*. Paris: Gallimard/Seuil, 2009.

_____. *O Governo de Si e dos Outros*. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: wmf Martins Fontes, 2010.

FOUCAULT *et al.* *O Homem e o Discurso – Arqueologia de Michel Foucault*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1971.

GROS, F. (org.) *Foucault, le Courage de la Vérité*. Paris: PUF, 2002.

KANT, I. “Resposta à pergunta: que é o iluminismo?”, in KANT, I. *A Paz Perpétua e Outros Opúsculos*. Lisboa: Edições 70, 2004

Endereço/ Address

Salma Tannus Muchail
Márcio Alves da Fonseca
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
Rua Monte Alegre, 984
Perdizes
05015-001 - São Paulo, SP - Brasil

Data de envio: 04-04-2012

Data de aprovação: 27-05-2012